



EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA EM MUSEUS: DA ÁFRICA AO AFRO-BRASILEIRO

Rosemberg Ferracini¹

Resumo: O objetivo do presente trabalho é apresentar possibilidades de ensino e aprendizagem de ações educativas de combate ao racismo e as discriminações entre o museu e a Geografia escolar. Nossas atividades foram desenvolvidas com os alunos da disciplina *Ensino de Geografia II* ministrada no segundo semestre de 2013, no Instituto de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O texto está composto por algumas das discussões teóricas em sala de aula, a proposta da cartografia museal abordada em campo - a África e a população afro-brasileira no museu Afro Brasil.

Palavras chaves: Geografia escolar; museu; África e afro-brasileiro.

GEOGRAPHIC EDUCATION IN MUSEUMS: FROM AFRICA TO AFRO-BRAZILIAN

Abstract: The purpose of this paper is to present some of the possibilities of teaching and learning between the museum and the school Geography. Our activity was developed with students of the discipline Geography Education II, ministered in the second half of 2013, at the Education Institute of the Federal Rural University of Rio de Janeiro (UFRRJ). The text is composed of some of the theoretical discussions in the classroom, the proposal museum cartography and of the issues addressed in the field - Africa and the african-Brazilian population at the Museum Afro Brazil.

Keywords: School Geography; museum; African and afro-brazilian.

L'EDUCATION GEOGRAPHIQUE DANS LES MUSÉES: D'AFRIQUE AU AFRO-BRÉSILIEN

Résumé: Le but de cet article est de présenter quelques-unes des possibilités d'enseignement et d'apprentissage entre le musée et la Géographie de l'école. Notre activité a été développée avec des étudiants de discipline *Ensino de Geografia II* au deuxième semestre de 2013, dans l'Instituto de Educação de l'Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Le texte est composé de certaines des discussions théoriques en classe, la proposition du musée et de la cartographie des questions abordées dans le domaine - l'Afrique et la population afro-brésilienne au Musée Afro Brésil.

Mots clés: Géographie école, musée, africains et afro-brésiliennes.

¹ Doutor em Geografia Humana pela USP. Professor de Prática de Ensino e Metodologia de Ensino de Geografia e Pedagogia. Ganhou em 1ª lugar no Fórum África 2012, promovido pelo Centro de Estudos Africano CEA / Universidade de São Paulo / USP, o Prêmio Kabengele Munanga, com o trabalho intitulado "A África na Geografia Escolar.", rosemberggeo@yahoo.com.br

EDUCACIÓN GEOGRÁFICA EN MUSEOS: DE ÁFRICA AL AFRO-BRASILEÑO

Resumen: El objetivo del presente trabajo es presentar algunos de las posibilidades de enseñanza y aprendizaje entre el museo y la Geografía escolar. Nuestra actividad fue desarrollada con alumnos de la disciplina Enseñanza de Geografía II ministrada en el segundo semestre de 2013, en el instituto de Educación de la Universidad Federal Rural de Rio de Janeiro (UFRRJ). El texto está compuesto por algunas discusiones teóricas en clase, la propuesta cartográfica museal y de los temas abordados en campo-África y la población afro-brasileña en el museo Afro Brasil.

Palabras claves: Geografía, museo, África y afro-brasileño

APRESENTAÇÃO

O texto ora apresentado foi resultado da disciplina Prática de Ensino II em Geografia no curso do Departamento de Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro no segundo bimestre de 2013. Nosso objetivo é trabalhar o processo de ensino e aprendizagem de combate ao racismo e as discriminações no currículo formal e a sua aprendizagem não-formal via museu. Em nossa atividade pedagógica buscamos unir a ida a campo no museu Afro Brasil e a prática educativa para além da sala de aula via a ‘cultura escolar’ de Ivor Goodson (1990, p. 236). Via a metodologia participante exercitamos a “pedagogia da pergunta”, a provocação para o pensamento reflexivo para pensar a “cultura material” diria Paulo Freire (1983, p. 23). Iniciamos nossas atividades com três temas; aprender Geografia nos museus, analisar como o museu nos ensina a respeito da população afro-brasileira e africana e uma terceira, estabelecer práticas educativas abordando a diversidade étnico-racial de matriz africana em sala de aula”.

Nossas primeiras escolhas curriculares aconteceram com leituras baseadas em Libâneo (1994, p. 17) discutindo o museu como um espaço de educação formal, onde são realizadas práticas pedagógicas formais e informais, de caráter intencional. Resgatamos o surgimento do museu como um fenômeno colonialista, no mundo e no Brasil, seguido de sua mudança enquanto instituição e a sua nova concepção, como local de prática libertadora. Para esse processo de ensino e aprendizagem foram necessárias práticas interdisciplinares. Interdisciplinares ao partimos dos conceitos de território e população, que nos levaram aos temas do trabalho, sociedade, escravidão,

religião, racismo, cultura, cartografia e expressões afro-brasileiras.² Concomitante, lemos e discutimos por completo as diretrizes curriculares promulgadas pelo Ministério da Educação e Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial (MEC; SEPPIR, 2004) assumindo a importância para “formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos”. Assim, dizemos libertador no sentido freireano (1968, p. 03), de libertar as amarras coloniais, eurocêntricas e racistas no caráter de liberdade e não domesticador. Fundamentado em Marandino (2001, p.94), que escreve a respeito da ‘didática museal’, propomos a cartografia museal, onde à disposição do acervo atua como um ato de Educação Geográfica. Reforçamos nossa proposta com Libâneo (2010, p. 101), que para esse cabe a cada disciplina criar a sua didática para o ensino de conteúdos específicos, seja da na sua dimensão geral ou particular. Desenvolvemos o texto teoricamente propondo o tema da Educação Geográfica em museus no processo de ensino e aprendizagem, relacionada a uma prática intencional de leituras, reflexões e conversas, na valorização política da diversidade superando as desigualdades coloniais e étnico-raciais.

Tais desafios foram refletidos no decorrer da disciplina via seminários pré-campo e posteriormente após a visita ao museu sendo ousados aqui em conjunto no decorrer do texto. Como resultado das conversar em sala e a visita a campo, tivemos como método de operacionalização desse estudo sistematizar as falas, anotações, observações, desenhos, fotos, perguntas e inquietações que pudessem ser compartilhadas posteriormente, como dando suporte para criação deste texto. Assumimos como Educação Geográfica a relação entre o museu e a Geografia escolar envolvendo diferentes práticas sociais, exercícios interdisciplinares e aprendizagens na e para escola. Nossa proposta é de aprofundar as relações entre a Geografia e a luta contra o racismo. Sendo uma ação pedagógica para contribuir no processo de aprendizagem na perspectiva da igualdade racial. Em guisa, finalizamos exercitando que é preciso abrir

² De acordo com o museólogo Raul Lody (2005, pp. 15-245), são diversos os museus que apresentam materiais para ensino e pesquisa ao tema da África e da população afro-brasileira, como, por exemplo: Museu Paranaense Emilio Goeldi, Museu Arthur Ramos, Museu Câmara Cascudo, Museu Afro-Brasileiro de Sergipe, Museu Nacional de Belas Artes (UFRJ), Museu do Folclore Edson Carneiro, Museu Théo Brandão em Alagoas, Museu do Ilê Axé Opô Afonjá, Os Terreiros de Candomblé de São Luís do Maranhão e Salvador, as Coleções do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia e Rio de Janeiro e algumas fundações como a Gilberto Freyre em Recife e o Núcleo de Documentação da Cultura Afro-Brasileira – ATABAQUE – FURG, entre outros ligados a prefeituras e associações.

os olhos, libertar-se, aprender a reaprender a pensar, estar aberto às novas possibilidades de experiências e aprendizados que possibilitem ajudar o aluno na construção e reconstrução de conceitos, a superação dos preconceitos, temas e estratégias geográficas de ensino que estão além da sala de aula.

OS PRIMEIROS PASSOS

Iniciamos a disciplina Prática de Ensino II em Geografia com leituras que nos levaram a conceituar as relações espaciais e temporais da instituição museu.³ Aula a aula, refletimos que tínhamos uma Geografia da época ligada a imperadores e reis, com interesses políticos, econômicos e culturais de uma sociedade baseada em expedições exploratórias. E foi com objetivo de organizar esse conjunto de materiais que foram criados os museus, a fim de reunir os dados dos territórios e das populações agora colonizadas. Em leitura de (McManus, 2013, pp. 09-20), aprendemos que nos museus estavam coleções sistemáticas e informações que passavam por curiosidades e instrumentos científicos variados. Sob a égide europeia, mantinha-se um modelo de pensamento pedagógico específico, aberto somente a um tipo de público, a elite. Fez parte dessa consolidação de pensamento a criação do Museu de Zoologia em Copenhague (1655), Museu de Oxford (1683), Museu do Louvre (1773) e o Museu Nacional no Rio de Janeiro (1818). De acordo com Figueirôa (1997, p. 67), no período joanino foi promulgado “um decreto criando na Corte um Museu Real com a justificativa de querer propagar os conhecimentos e estudos de ciências naturais no Reino do Brasil”.

Devido ao interesse de consolidação imperial, D. João VI cria instituições científicas para organizar e sistematizar as primeiras coleções e aprendizados coloniais. Para Lopes (2007) é nesse período que o Brasil inicia a pesquisa científica. Tais empreendimentos resultaram em congressos, livros, revistas, enciclopédias, dicionários e exposições, tudo com intuito de celebrar e imprimir os poderes estabelecidos

³ Segundo Roja, Crespán & Trallero (1979, pp. 24-26): “A palavra moderna *museu* é uma derivação do grego *museion*, nome dum tempo de Atenas dedicado às musas. No século III a.C, a mesma palavra foi utilizada para designar um conjunto de edifícios construídos” – onde estavam bibliotecas, coleções variadas e obras de arte.

referentes explorações científicas.⁴ Nessa parte da aula a aluna Nathália Martins França da Silva intervém dizendo que a aproximação entre a estrutura política do Brasil com alguns estados africanos. Isso porquê foram eles os primeiros soberanos a reconhecer os passos imperiais luso-brasileiro. Exemplo foi quando em 1822, que os reis de Obá Osemwede, Abomé, de Porto Novo, Onim, do Benim, o Obá Osinlokun, de Lagos, o imperador Beni e rei Ajan, e outros reis da África (Silva, 2003, p. 11).

Nesse processo de instauração dos museus no Brasil, a meta era a “construção do nacional” e “Colligir, methodizar e guardar” documentos, fatos e nomes para além de uma história e geografia nacional, carente de delimitações não só territoriais, mas humanas, Schwarcz (1993, p. 99). No decorrer da disciplina pontuamos em sala de aula da criação da Academia Real Militar no Rio de Janeiro (1813), o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB, 1838), dedicado às ciências no Brasil, a relação entre o homem e o espaço geográfico, a Escola Militar (1839), a Escola de Minas de Ouro Preto (1875), a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (1886), entre outras dezenas de órgãos.⁵ Tais institutos trariam o processo de modernização do Brasil com a especialização, profissionalização e divulgação no campo do ensino e aprendizagem técnica e científica. Esses órgãos demonstravam a concepção e possibilidade de estudos e pesquisa dos temas reunidos.

Buscamos entender como os princípios eurocêntricos de museus se difundiram em outras partes do mundo como exemplos de aprendizado. No contexto colonial, o espaço terrestre, ou seja, os territórios, as populações e suas paisagens agora estavam nomeadas, descritos, enumerados e catalogados. Seguindo uma proposta de ensino baseada em teorias e conceitos. Tínhamos, então, um modelo educacional estabelecido a ser seguido. Em se tratando de Brasil, somente pequena parte da sociedade, uma minoria branca, tinha acesso à escola e aos museus, aprendendo e reproduzindo a forma de pensamento ali expostas. Éramos um país escravocrata, de elite latifundiária, onde as categorizações geográficas com a África e a sua população eram influenciadas pelas doutrinas raciais do século XIX. Nossos exemplos educativos se estabeleceram nas

⁴ Em Capel (1981, pp. 173-205), temos o crescimento das Sociedades de Geografia e seus sócios entre 1820 a 1940, com a política de expansão dos estados europeus.

⁵ Pereira (1997, pp.01-45) analisa as origens da Geografia no Brasil relacionando-as ao saber geográfico do período. Nesse contexto, está a importância dos diversos órgãos nacionais que projetaram e integraram o Brasil na economia mundial através da produção de livros, organização de exposições e demais projetos nacionais.

construções elaboradas por essas instituições, que estavam baseadas na divulgação do positivismo, evolucionismo e o darwinismo (Schwarcz, 1993, pp. 43-66). Baseado nestas discussões nossa meta era visitar o Museu Afro Brasil e buscar desmistificar o histórico passado racista em torno da África e da população afro-brasileira.

EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL: O MUSEU AFRO BRASIL

Advogando com os autores Libâneo (2010), Marandino (2001) e (MEC; SEPPIR, 2004), afirmamos que a intenção da geografia escolar é pensar a aprendizagem em museu a partir de uma Educação Geográfica. Defendemos a ideia de que a Educação Geográfica Étnico-Racial está relacionada ao fato de que a educação formal via o museu Afro traz a possibilidade de ensino e aprendizagem com diferentes olhares e possibilidades para a valorização de uma consciência política, de uma geografia de luta anti-racista dos povos africanos e da cultura afro-brasileira. E foi baseado nas reflexões do tópico anterior e no seminário desenvolvido em sala de aula pelas alunas Loar Coutinho e Suenia Alves, aprendemos que nos dias de hoje que a educação nos museus não é algo imposto, ela ocorre conjuntamente com outros atores e autores envolvidos.⁶

A vinda para São Paulo teve como objeto de estudo seis museus, porém nesse texto nosso foco será o Museu Afro. O ponto de saída aconteceu da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro às 00:00 horas de quinta-feira, chegando em Sampa às 06:00 h. A organização do alojamento e trajeto se deu pelos alunos Alexandre Teixeira e Paulo Vitor Figueiredo. Em um grupo de 20 alunos ficamos divididos em dois Albergues próximos no bairro da Vila Madalena. A escolha se deu pela proximidade e facilidade de locomoção, a Estação de Metrô.

Após a chegada, banhos, trocas de roupas, cafés, bolos, e a instalação quase definida divisão entre meninos e meninas, quartos e camas, saíamos a campo, aos museus fomos nós! Cada aluno recebeu um roteiro de atividade citado abaixo que deveria ser entregue no final da atividade. Vejamos abaixo a proposta:

⁶ (Fernández, 1999, p. 11), a nova museologia pretende travar diálogo constante e eficaz com o público mais amplo e, principalmente, com sua própria comunidade. O museu deixa de ser um espaço para especialistas passando a ser local de debate para todos.

1) **Escolha da exposição ou parte dela:** descrever o local (contextualizar a instituição e a exposição, indicando os elementos *geográficos* que possui e os conceitos que aborda)

2) **Definição de um problema:** Que ações a exposição pretende promover nos visitantes? Que tipo de interação é privilegiada? Por que?

3) **Definição dos objetivos:** Caracterizar e Identificar as formas de interação que objetos da exposição promovem junto ao público; Conversar e Anotar aspectos que promovem ou inibem determinadas formas de interação;

4) **Aspectos metodológicos:** Instrumento de coleta de dados: Observação, Anotações, Elaborar um roteiro de observação e aplicá-lo na exposição escolhida e Registrar a exposição por imagens – fotos, planta baixa, desenho, ou filmagem.

Acreditamos ser importante registrar o relato de duas das alunas-professoras, Jéssica de Paula e Gerli Andrade (2013), “o maior desafio em desenvolver a Educação Geográfica em museus, é o de relacionar seu acervo com uma proposta educativa dos conteúdos curriculares formais”. Ou seja, estabelecer uma educação informal, por meio dos modelos formais pré-estabelecidos nas diretrizes educacionais.

Após o percurso metrô e alguns minutos de caminhada chegamos ao Museu Afro Brasil. Esse está localizado no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. A data de sua fundação é do dia 1º de julho de 2004, sob o Decreto de Municipal de 44.816 da então prefeita Marta Suplicy, e com patrocínio da Petrobras e do Governo Federal por meio da Lei Rouanet entre os anos 2004 a 2008. O museu tem como proposta reeducar a respeito dos povos africanos e da população afro-brasileira, na perspectiva do negro com exposições da cultura material da escravidão, dos afro-brasileiros, a arte contemporânea e demais temas que retratem os contextos étnico-raciais, Araújo (2004). O Museu é fruto dos esforços da organização do movimento negro e do artista plástico Emanuel Araújo, que é seu curador.⁷ Vejamos abaixo a entrada do museu apresentada no encarte.

⁷ Souza (2009, pp.43-143) aborda a curadoria de Emanuel Araújo “Artista, Colecionador e Curador”, a maneira de ordenar, desenhar, representar as obras de arte no espaço, e como esse cria uma narrativa sobre arte afro-brasileira.

Figura 1. Entrada do Museu Afro Brasil



Fonte: Encarte Museu Afro Brasil 2013

As escolhas dos núcleos a serem visitados foram feitas em conjunto com a monitora Amanda Carneiro, pois tínhamos as perguntas anteriores a serem respondidas e conseqüentemente outras a surgiriam. Reunidos nos bancos da entrada ouvimos dessa algumas orientações, por exemplo, que o acervo do museu é um resgate: “O Museu Afro Brasil está armado para, de fato começar a contar uma nova história do negro”, em termos geográficos, diríamos que possui uma leitura do território e da população. Seu foco está nas diferentes artes africanas e nas africanidades.⁸ Segundo a mesma o Museu Afro Brasil possui um conjunto de educadores, especialistas e consultores nas áreas de arte, antropologia, educação e história que se dividem nas atividades educativas, técnicas e administrativas.

Nossa visita foi organizada em partes como o Núcleo da Museologia, que cuida e preserva o acervo das coleções do Museu; o Núcleo de Pesquisa, que desenvolve atividades internas na organização do espaço do Museu; o Núcleo Tradição e História Oral, onde acontecem os registros das personalidades que desenvolvem atividades sobre a temática afro-brasileira; o Núcleo de Educação, que agenda visitas, monitorias, atividades pedagógicas e outras de apoio. Todos os núcleos contam com o apoio da Biblioteca Carolina Maria de Jesus, que é composta por uma diversidade de materiais,

⁸ Esse conceito encontra-se explicado e fundamentado na obra de Roger Bastide (2001, pp.29-71). Ele buscou a compreensão desse universo nas variadas perspectivas e o entendimento epistemológico afro recriado no Brasil. Utilizaremos esse conceito no decorrer do texto para tratar das expressões africanas (re)criadas no Brasil.

como livros, vídeos, fotos, documentos e outros registros relacionados a temática afro-brasileira. Conhecemos o Teatro Ruth de Souza, onde acontecem demais atividades pedagógicas e artísticas. De imediato aprende-se sobre as grandes homenageadas. O tema da oralidade e da escrita recebe o nome de duas deusas. Carolina de Jesus, mineira, moradora de rua, coletora de papel que escreveu seu diário nos anos de 1950, e que foi publicado em formato de livro *Quarto de despejo* onde relata sua vida. Ruth, carioca, é considerada uma das principais atrizes do teatro e da televisão brasileira.

Para uma melhor compreensão desse conjunto de informações no processo de aprendizagem foi preciso considerar as demais atividades do museu, como as unidades de estudo, suas ações educativas, a divulgação dos materiais didáticos produzidos pelo museu, bem como as práticas pedagógicas que podem ser desenvolvidas. Exemplo esse que será apresentado a seguir no tópico *Cartografando o Museu Afro Brasil*, que possui seu papel social enquanto instituição educativa, já que esse possui a função ligada tanto à preservação do patrimônio (coleta, salvaguarda, conservação e pesquisa científica) quando à extroversão (comunicação e educação); pois a educação como mudança do discurso na construção de uma consciência de luta política é uma entre diversas funções desta instituição na contemporaneidade.

CARTOGRAFANDO O MUSEU AFRO BRASIL

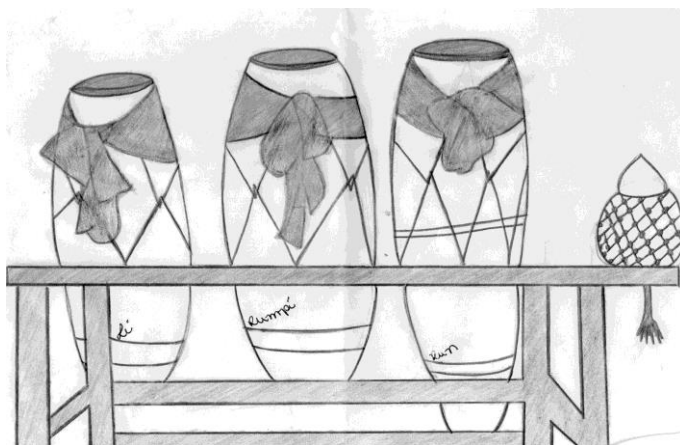
Nesse tópico consideramos que existe uma concepção cartográfica na forma de dispor os objetos, um direcionamento que possui uma proposta baseada em uma abordagem pedagógica e museológica a visita do público. O acervo é concebido em uma leitura espacial e temporal contendo uma proposta de leitura que explicita seus conteúdos. A cartografia museal está relacionada à disposição do acervo sobre o qual será refletido nas exposições, o que atua como um ato de Educação Geográfica. A ação planejada objetiva o ensino e a divulgação, buscando uma aprendizagem significativa junto ao público.

Subsidiados pelo (MEC/SEPPPIR, 2004), nossa proposta pedagógica é trabalhar com o tema da diversidade étnico-racial, religiosa e política a respeito da África e da população afro-brasileira na sala de aula. De maneira crítica e analítica buscamos desenvolver nossa proposta. E foi na companhia da Amanda que iniciamos a cartografia



museal no acervo permanente “As religiões afro-brasileiras” e “O sagrado e o profano”. Ao adentrar nesses acervos o visitante irá se deparar com três atabaques (Rum, Rumpi e Lê), utilizados nas cerimônias de candomblé e na capoeira, e com as vestimentas dos Babá Egun cultuados na Nigéria. Nos perguntamos, por que a exposição inicia-se com esses instrumentos musicais? Um dos exemplos da musicalidade foram os desenhos dos alunos expostos abaixo;

Figura 2. Atabaques



Fonte: Autor Guilherme Mapelli, 12/12/2013.

Figura3. Djembê



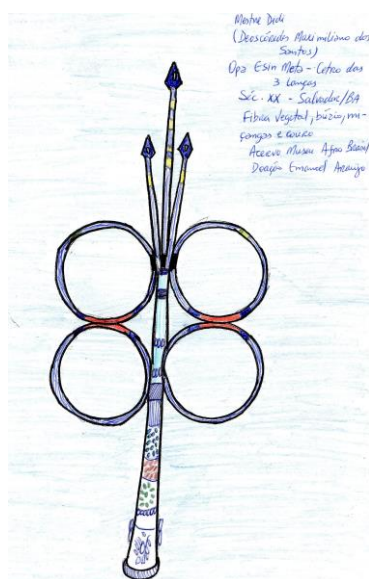
Fonte: Autor: Victor Arouca 12/12/2013



Segundo Amanda as expressões *candomblé* e *capoeira* foram as duas manifestações mais perseguidas desde os tempos colônias, no Império e na República. Ambas de cunho religioso e corporal, foram responsáveis por manter vivas outras manifestações afro-brasileiras no território brasileiro e nas diferentes identidades que estão presentes na vida da população. Capoeira que foi e é um instrumento pedagógico de resistência negra, de afirmação, de uma religiosidade a respeito a si e ao próximo. Na mesma matriz afro as religiões da Umbanda e o Candomblé. Onde o corpo é a morada do homem, da mulher e da criança. Onde o mais velho respeita o mais novo. Local que os cânticos, ritos e danças tomam força política e cultural.

No decorrer da visita monitorada ao museu foi possível aprender que essas religiões se mantiveram, se reinventam, se reorganizaram e resistem até os dias de hoje, o que Bastide (2001) denomina de africanidades. Religiões, cultos, ritos, tradições, cantos, rezas e instrumentos que os religavam à terra antiga, com suas diferentes formas de vida. Memória e terra que eram a eles negados. Eram os africanos vindos de diversas partes da África, com suas diferentes estruturas religiosas. Os contatos com o regime escravagista os levaram a trocar, aprender e assimilar o local aos seus ritos e tradições. Uma das atividades solicitadas aos alunos foi que desenhassem alguns dos objetos e relacionassem a uma ideia de valorização afro-brasileira;

Figura 4. Opa Esin



Fonte: Autora Gerli Andrade 12/12/2013

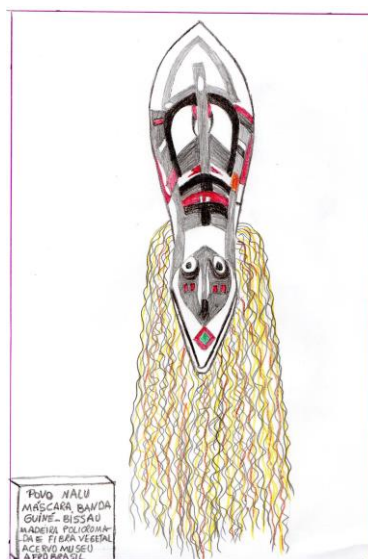


Figura 5. Xarará



Fonte: Autor Guilherme, 12/12/2013

Figura 6. Mascará



Fonte: Autor Alexandre Teixeira, 12/12/2013

Em conversa em grupo ouvimos que as expressões africanas, agora reconstruídas, deram-se de maneira diversa por todo o território brasileiro. Ao visitarem o museu, professores e alunos irão encontrar essa diversidade de manifestações por meio de instrumentos de trabalho, musicais, roupas e artefatos relacionados aos

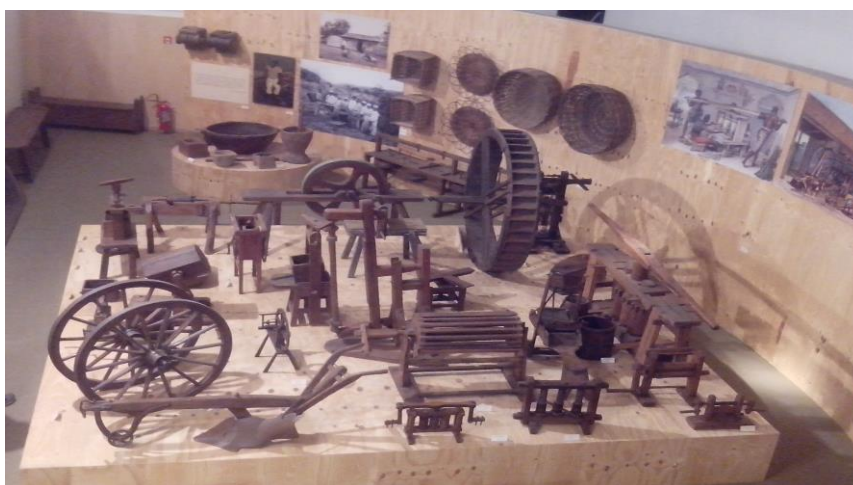
tambores maranhenses, ao xangô pernambucano, aos candomblés carioca e baiano e ao batuque gaúcho. São diversas roupas, instrumentos, e demais peças pertencentes ao orixás, uma rica diversidade expressa uma perspectiva geo-histórica no território brasileiro. Entre as religiões afro-brasileiras, a mais conhecida no Brasil é o candomblé. Segundo Verger (1986), na Bahia o candomblé é uma religião de origem bantu. Seu panteão constituído pelos os nagôs e ketus cultuavam os orixás; as nações de tradição congo de angola os inquices e os jejês os voduns.

A ÁFRICA NO BRASIL: TERRITÓRIO E POPULAÇÃO

O fragmento abaixo fez parte do balanço *pós-campo* e declamado fervorosamente em sala de aula pelos alunos –casal- Marcelo Loura de Moraes e Patrícia Matias de Oliveira:

“Tudo o que existe hoje sobre o vasto território que se chama Brasil foi levantado ou cultivado por aquela raça; ela construiu o nosso país. Há trezentos anos que o africano tem sido o principal instrumento da ocupação e da manutenção de nosso território. (...) Tudo o que significa luta do homem com a natureza, conquista do solo para a habitação e cultura, estradas edifícios, canaviais e cafezais, a casa do senhor e a senzala dos escravos, igrejas, e escolas, alfândegas e correios, telégrafos e caminhos de ferro, academias e hospitais, tudo, absolutamente tudo que existe no país como acumulação de riquezas, não passa de uma doação gratuita da raça que trabalha à que faz trabalhar” (Nabuco, 1883, p. 15)

Figura 7. Ferramentas



Fonte: Rosemberg Ferracini, 12/12/2013

A foto acima e a fala dos alunos conversamos a respeito do acervo “Trabalho e escravidão”, em que encontramos a participação da população africana na construção da sociedade brasileira. Nessa parte do museu a lembramos que a Amanda lançou a seguinte pergunta, qual a importância da participação dos negros na formação territorial do Brasil? Por que o museu Afro Brasil montou uma exposição sobre trabalho escravo? Concomitante, indaguei os alunos, como o tema da migração-forçada africana é abordado na Geografia escolar? Com a própria monitora aprendemos que tais povos trouxeram uma série de conhecimentos tecnológicos, certo saber africano e os empregaram nas diversas atividades escravagistas que estão vivas até hoje na nossa sociedade. Eram eles bantus, nagôs, gegês, minas, hotentotes, yakas, entre outros que se tornaram escravos e negros, o que estava relacionado a sua condição social. Estrutura política, econômica e cultura que os distinguiam dos demais pela cor da pele ao colocá-los em situação de inferioridade.

Percebe-se na exposição do Museu Afro uma Geografia do escravismo com diferentes peças. Dentre os materiais do século XVIII e XIX expostos no museu, encontramos um moinho utilizado nas plantações para trituração da cana, quatro serras de ferro e duas de madeiras, duas carroças para o transporte, uma prensa de madeira, e um êmbolo utilizado também para cana. Eram esses objetos construídos pelas mãos africanas para transformar os espaços urbanos e as rurais, como nas lavouras de café a cana-de-açúcar. Como marceneiros e entalhadores, desenvolviam peças utilizadas nas casas, como mesas, cadeiras e demais estruturas. Baseados nesses conseguimos desenvolver discussões relacionadas à migração forçada, a uma Geografia do trabalho onde o pelourinho atuava como principal instrumento pedagógico, e a desmistificar os conceitos e teorias que foram empregados a população afro-brasileira e que insistem em persistir na atualidade. Foi possível perceber que são diversas as demais peças que retratam os trabalhos desenvolvidos por homens, mulheres e crianças africanos presentes no território brasileiro.

Por exemplo, eram eles ferreiros que trabalhavam nas atividades que passavam pelo uso das técnicas para fabricação de peças de ferro e de demais ferramentas para outros trabalhos. Os africanos também desenvolviam trabalhos relativos à mineração, sendo alguns deles ourives, e outros atuavam na extração do ouro e diamante.

Eram eles os diversos instrumentos, como os chamados pares de forma de metal utilizados para limpar o caldo de cana, os de castigos, como o vira-mundo, libambo, gargalheira, espadas, serrotes, diversos brincos de ouro e prata, balangandãs, colares, porta-pazes, fios de ouro, figas, braceletes, crucifixo, entre outros materiais expostos que podem ser foco de conversas e aprendizados a respeito da população afro-brasileira.

Ao trabalhar com esse núcleo no ensino de Geografia, quebramos o silêncio dos dados, números, gráficos, tabelas e das teorias a respeito da migração-forçada no Brasil. Pode-se aprofundar o processo de ensinar e apreender a respeito de um passado científico e tecnológico que foi renegado ao africano e a população afro-brasileira. Tínhamos um modo de produção escravagista que era à base do território brasileiro e que historicamente massacrou uma população para existir. Um modo de produção que sofreu lutas para persistir. Dessa forma, percebemos o desafio em sala de aula em criar a estratégia de aprendizagem via um espelho, por meio do qual os alunos possam se ver descendentes de africanos e não tenham vergonha de fazer parte dessa camada social. Dessa forma a escola consegue mudar o discurso (re)produzido por ela e por outras instituições do século passado e que permanecem no inconsciente coletivo da sociedade.

PAISAGENS PELAS MÃOS AFRICANAS

Além de construírem grande parte dos objetos de trabalho na agricultura, nas edificações urbanas, os povos africanos contribuíram na manifestação artística brasileira. Tal fato pode ser percebido nos acervos “História e memória” e “Artes plásticas: a mão afro-brasileira”, que desenvolve o resgate da população negra no Brasil. Antes de adentrarmos nesse universo, foi nos perguntado: quem são as personalidades negras no Brasil? Quais foram os políticos, artistas e escritores negros? Por que não conhecemos tais pessoas? Dentre esse conjunto de ocupações espaciais destacamos três desenhos desenvolvidos pelos alunos;



Figura 8. Carolina de Jesus



Fonte: Autor Fellipe da Silva 12/12/2013

Figura 9. Sem Título



Fonte: Autor Renan Navarro 12/12/2013

Figura 10. Menino



Fonte: Autor Gabriel Barros, 12/12/2013

Os desenhos dos alunos acima nos demonstram o exercício de se fazer conhecer como parte da construção de uma identidade, de uma prática de ensino, que reflete na luta contra o racismo e a discriminação, na busca de uma sociedade justa. Dizemos que o Museu Afro reescreve uma Geografia diferente ao processo histórico até então construído. Sua cartografia museal desenvolve o exercício do pertencimento humano.

Exemplo é quando o Museu apresenta a participação do homem negro nas artes com obras do escultor Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho no final do século XVIII. Como de Estêvão Silva, Antônio Firmino Monteiro, Antonio Rafael no século XIX, Arthur Timótheo da Costa, Heitor dos Prazeres, Sergio Vidal, Alcides Pereira dos Santos e Waldomiro de Deus Souza no século XX, sendo esses pintores, professores nas escolas e Liceus de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro e Bahia. No regime abolicionista, mostra a participação do advogado Luiz Gama e André Rebouças; na literatura, a personalidade de José Maria Machado de Assis. Na política, Teodoro Sampaio que fez o primeiro levantamento geológico do estado de São Paulo, foi diretor do saneamento da cidade de São Paulo e presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, autor de *O tupi na Geografia nacional* e *Atlas dos Estados Unidos e do Brasil*. Entre outras dezenas de artistas e personalidades, como o músico Milton Nascimento e o geógrafo Milton Santos.

O CONTINENTE AFRICANO

Terminamos a cartografia museal no acervo “África: diversidade e permanência”. Esse núcleo se comunica com o “Trabalho e escravidão”, pois as peças africanas estão em torno do “Malungo” também chamado de “Tumbeiro” que era chamado de barco. No meio da sala encontramos uma de suas réplicas, de onde se faziam os transportes humanos, da costa africana a costa brasileira. Nas paredes o poema O Navio Negreiro de Castro Alves, no ar a musicalização na voz de Maria Bethânia e Carlinhos Brown, recantada em caminhada pelos alunos Tony Ewerton e Carolina Nascimento.

No que concerne a África aprendemos com os alunos que o tema da Geografia é um vasta aprendizado e que por meio dele cada vez mais se comprova as evidências do surgimento do homem em seu continente. No acervo encontram-se elementos que mostram a imensa diversidade das populações africanas de reinos e impérios africanos. Por exemplo: a máscara da sociedade Gueledé, utilizada nas celebrações de fertilidade, de origem Yoruba, da Nigéria, e a máscara Egbo Ekoi, de Camarões, para fins de regulamentação e controle social, a estatueta Attie da Costa do Marfim do lado oeste do rio Comoé próximo a cidade Abidjan. Povos esses que possuem 12 diferentes grupos linguísticos. Como podemos encontrar máscaras dos povos Basongye, Ejaghan, Ekoi, Yombe, Luba, Bambum, Nafana e Bwaba.

A diversidade de máscaras, estatuetas e esculturas expostas estão relacionadas com os ciclos da natureza, ritos e empreendimentos humanos. A partir, delas podemos estudar quais eram os reinos e impérios africanos, suas organizações sociais e políticas. Como o caso do reino Monomotapa, conhecido por ser poderoso, cujo apogeu se deu precisamente entre os séculos XI e XIV, sendo contemporâneos a Gana e o Mali, ao norte. Foi fundado numa sólida organização social e política. Sua área cobre hoje parte da República Popular de Moçambique, da Republica do Zimbábue, da Republica de Zâmbia e da Republica do Malavi, e era uma região rica em cobre, ferro e ouro. O reino do Mali estendeu-se no Sahel, tinha o controle das cidades comerciais de Walāta, Tombouctu e Gao, entrando assim em contato mais direto com os povos islamizados, comparativamente ao ocorrido ao longo dos séculos precedentes. Em visita ao museu professor-e-aluno podem encontrar peças que se remetem aos reinos de Axum, Núbios,

Cuxe, Meroé, Zimbabwe, entre outras organizações políticas africanas. Pedagogicamente exercitamos desse núcleo para tratar da diversidade política e cultural do continente africano, quebrando o estigma de classificá-los como “um só povo”, e por fim, perceber, como sua herança humana, política e religiosa é significativa na construção da identidade do território brasileiro como registrado por Araújo (2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprendermos que o ensino no museu Afro Brasil traz a possibilidade de avançarmos no processo de aprendizagem da Geografia Afro-Brasileira e Africana em sala de aula. Acreditamos estar avançando no debate e na forma como tais discussões vêm sendo desenvolvidas no Brasil. No que se refere à temática da África e da população afro-brasileira, o Estado legitimou a presença dessas discussões nos currículos do ensino fundamental, médio e superior com a Lei n. 10.639/03, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), obrigando o ensino da temática africana nas escolas. A lei tem como objetivo eliminar o racismo, educar e formar para os temas da cultura africana.

No que se refere ao processo do ensino escolar, essa população não pode estar ausente, como esse continente ser um território repleto de valores conotações pejorativas. Eis o desafio em exercer e desenvolver atividades relacionadas à Lei 10.639/03 não apenas como mero conteúdo, mas também na busca de ir além das atividades pedagógicas em sala de aula e da estrutura curricular formal. Acreditamos que o ensino no Museu Afro quebra valores e constrói um currículo oculto no qual pouco se fala, pratica e se desenvolve. A Educação Geográfica proposta por nós via museu problematizou os diferentes temas relacionados à cultura, política e economia da África, assim como da população afro-brasileira.

Após a visita ao Museu Afro Brasil, deixamos como convite a leitura de algumas obras que contribuem para o aprofundamento a respeito do tema, o texto de Kabengele Munanga (1988) ao tratar do Centenário da Abolição, tivemos festas, discursos, congressos nacionais e internacionais, manifestações culturais e artísticas em quase todo o território nacional, marchas de protesto dos movimentos negros. A tese da professora

Marta Heloísa Leuba Salum (1996) que como arte afro-brasileira todo o universo de questões sobre o negro no Brasil e os objetos de influência estilística africana tradicional, parece abarcar essas tendências. As pesadas críticas do filósofo anglo-ganês Kwame Appiah (1997), que alerta para algumas exposições racistas de controle imperial pelos europeus. Vale lembrar os textos e entrevistas concedidas por Emanuel Araujo, (2004, 2005 e 2009) os livros produzidos pelo Museu Afro, o já citado professor e escritor Marcelo de Saete Souza (2009). Na Geografia Escolar os textos de Renato Emerson dos Santos e a tese de Ferracini (2012) que abordam o debate curricular da África, as relações étnico-raciais na sala de aula, em cursos de formação de professores e na diversidade do território brasileiro.

Diante do acervo do Museu Afro Brasil, cabe a nós professores e alunos refletir a respeito das particularidades e diversidade de cada um povos transplantados para o Brasil e buscar direcionar o aprendizado a respeito dos diferentes temas geradores. Dialogar entre os conteúdos acadêmicos e escolares a respeito da África, entre aquilo que se pratica em sala de aula e aos conhecimentos apreendidos nesse processo de formação, vem sendo o nosso objetivo.

Percebe-se que com o passar dos anos ocorreram modificações na sociedade brasileira e nos materiais por ela construídos. Transformações nas relações raciais e nos modos de produção estabelecidos. As técnicas e os objetos geográficos passaram a ser outros, como a relação entre o espaço e a sociedade. Entretanto, quais foram as materialidades que persistiram? Eis o desafio, não continuar tratando os fatos históricos, a sociedade, o espaço e a população afro-brasileira na qual estão inseridos de maneira inseparáveis. É preciso avançar e colocar em prática as discussões teóricas e metodológicas.

E é através do resgate de todas essas questões já elencadas anteriormente, que podemos utilizar da visita ao museu para questionar o porquê de vivermos um país com um dos maiores índices de desigualdade do mundo e de a população negra compor a grande maioria do pobre excluídos, criando essa realidade tão marcadamente fragmentada. E é somente entendendo a história da escravidão em nosso país – o último no hemisfério ocidental a aboli-la oficialmente – que podemos perceber o que resta da escravidão em cada um de nós. Esse exercício de aprendizado é de fundamental importância na formação de um aluno com consciência crítica e não pode ser

negligenciado de maneira alguma no ensino de Geografia. Fatos que passam pelos atos seculares da mobilidade populacional africana que pouco ou nada são abordados nas aulas, nos livros didáticos ou nos parâmetros curriculares de Geografia, as religiões, quilombos e demais expressões afro-brasileiras. Assim, para terminar deixamos como proposta para professores e pesquisadores da ciência da terra, pensar as contribuições que os povos africanos e a população afro-brasileira na paisagem brasileira. Afinal, baseado nas diversas propostas pedagógicas que o museu Afro de São Paulo apreende-se a ensinar e a pensar em uma transformação da nossa sociedade que não é a-espacial. Como diria o mestre Milton Santos “Pois a História não se escreve fora do espaço, e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social. Milton Santos (1977, p. 81)”. Sendo o espaço ele mesmo, é social temos então, heranças africanas nas marcas urbanas como as edificações, nos instrumentos de ferro e ouro, nos diferentes objetos artísticos, nos conhecimentos tecnológicos que passam pelos instrumentos de madeira, agricultura na formação da sociedade brasileira. Oxalá que nossos pares preocupados com o ensino de geografia escolar e com a temática étnico-racial, em um país justo livre do racismo acreditem nesse caminhar, pois estaremos enriquecendo o ensino, a pesquisa e o aprendizado com relação à África, da mesma forma diminuindo o preconceito que urge em perseguir a população brasileira. Como já destacado no início desse texto, diferentes museus como os institutos brasileiros possuem espaços a serem pesquisados desde peças, materiais, documentos, acervos, coleções variadas e bibliotecas, relacionado ao tema da Geografia da África e das expressões afro-brasileira.

*Para a dupla dinâmica:
Dario Lima e Benhur Pinós*

Agradecimentos

Aos alunos da disciplina Prática de Ensino II de 2013 por acreditarem e participarem nessa possibilidade de aprendizagem. Ao apoio financeiro e institucional da UFRRJ aos alunos. Ao Departamento de Teoria e Planejamento de Ensino e Didática em pela dispensa, em particular ao apoio humano da chefia Sra. Dra Amparo Villa Cupolillo.

REFERÊNCIAS

- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai – A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ARAUJO, Emanuel. *A Tarde*, Salvador, pp. 20, 23 de out. de 2004.
- _____. Entrevista. África III: um percurso. *Diário do Comércio*, São Paulo, 2005.
- _____. Mecenaz polêmico (entrevista concedida a Maurício Pestana). *Raça Brasil*. São Paulo: Editora Escala, n. 128, 2009, pp. 12-15.
- BASTIDE, Roger. *O candomblé na Bahia: rito Nagô*. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BERNARDO, Marcelo Nascimento Cunha. *Teatro de memórias, palco de esquecimentos: culturas africanas e das diásporas negras em exposições*. São Paulo: Tese de Doutorado, PUC/SP, 2006.
- CAPEL, Horacio. *Filosofia v Ciência em la geografia contemporânea*. Barcelona: Barcanova, 1981.
- FERNÁNDEZ, Luis Alonso. *Introducción a la nueva museología*. Madrid: Alianza, 1999.
- FERRACINI, Rosemberg. Legalidade Territorial da Capoeira Angola na Cidade de Goiás. *Revista Terr@ Plural*. Ponta Grossa, v.6, n.2, p. 229-239-, jul/dez. 2012.
- _____. "Dialogando Geografia Acadêmica e Geografia Escolar: o caso do Continente Africano." In: *Revista Geo'textos - Revista da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia*, 2012, n. 2,v. 8, 165-182 pp.
- _____. *A África e suas representações no(s) livro(s) escolares de Geografia no Brasil: de 1890 a 2003*. Tese de Doutorado, FFLCH/USP, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-30102012-111718/es.php>
- FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. *As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, 13ª Ed, 13º 218 p.
- GOODSON, Ivor. Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução. In: *Teoria e Educação*, nº2, p.230-254, 1990.
- LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. Brasília, DF: Ed. UnB, 2009.
- LODY, Raul. *O negro no museu brasileiro: construindo identidades*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2005.
- MCMANUS, Paulette. *Educação em museus: pesquisas e prática*. Orgs Martha Marandino Luciana Monaco. São Paulo: FEUSP, 2013.

Ministério da Educação; Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC, 2004.

MUNANGA, Kabengele. A criação artística negro-africana: uma arte situada na fronteira entre a contemplação e a utilidade prática. *África negra*. São Paulo: MASP, 1988.

NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Londres: Abraham Kingdon, 1883.

PEREIRA, Sergio Luiz Nunes. *Geografia: caminhos e lugares da produção do saber geográfico no Brasil 1838 a 1922*. Dissertação de Mestrado FFLCH/USP, 1997.

ROJAS, Roberto; CRESPIÁN, José Luis; TRALLERO, Manuel. *Os museus no mundo*. Rio de Janeiro: SALVAT, 1979.

SANTOS, M. *Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e como Método*. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 54, jun. 1977, 81-99, pp.

SALUM, Marta Heloisa Leuba. *A madeira e seu emprego na arte africana: um exercício de interpretação a partir da estatúária bantu*. 1996. Tese (doutorado) – FFLCH/USP, São Paulo.

SANTOS, Renato Emerson dos. *Diversidade, espaço e relações sociais: o negro na Geografia do Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil -1870 – 1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SILVA, Alberto da costa e. *Um rio chamado Atlântico. A África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

SOUZA, Marcelo de Salete. *A configuração da curadoria de arte afro-brasileira de Emanuel Araujo*. Dissertação de Mestrado, ECA, USP, 2009.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás deuses iorubás na África no Novo Mundo*. Salvador: Corrupio, 2002.

Recebido em julho de 2015
Aprovado em setembro de 2015